



GUIA DE ROUPAS FUNCIONAIS PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Guidelines for Papers to the Symposium of Fashion

Fêo, Ingrid Flôres; Mestranda; Universidade de Mogi das Cruzes,
ingridfeo@hotmail.com¹

Mugnol, Katia Cristina Ugolini ; Doutora; Universidade de Mogi das Cruzes,
katiac@umc.br²

Resumo: o levantamento bibliográfico mostra o estado da arte sobre moda inclusiva. Foram aplicados dois questionários, um para cuidadores e outro para pessoa com deficiência. A partir da análise dos questionários foram apresentadas sugestões para simplificar o vestir e proporcionar bem-estar físico e emocional durante o uso das peças de moda inclusiva.

Palavras chave: Moda Inclusiva, Deficientes Físicos, Pessoa Com Deficiência.

Abstract: the bibliographical survey shows the state of the art on inclusive fashion. Two questionnaires were applied, one for caregivers and the other for people with disabilities. From the analysis of the questionnaires, suggestions were presented to simplify dress and provide physical and emotional well-being during the use of inclusive fashion pieces.

Keywords: Inclusive Fashion, Handicapped, People With Disabilities.

Introdução

O design trabalha com a criação, elaboração e desenvolvimento de projetos e estratégias que solucionem necessidades específicas, podendo estar relacionadas a algo que esteja em falta no mercado ou que irá agregar algum valor de cunho social e significativo. Possui a função de antecipar problemas,

¹ Mini currículo do primeiro autor, máximo 3 linhas

² Mini currículo do primeiro autor, máximo 3 linhas



definir estratégias, gerar oportunidades e liderar projetos multidisciplinares (OLIVEIRA ET. AL., 2105).

Ainda para Oliveira et. al. (2015) a palavra moda inclusiva abrange a moda para todos, ajudando-as a se vestirem e/ou despirem com mais facilidade no dia a dia. O design das peças, por meio de fechamentos e aberturas colocadas em peças de roupas que normalmente pessoas com deficiência teriam dificuldade em manusear e na área da moda inclusiva no Brasil, a indústria têxtil começa a se preocupar em confeccionar algo voltado para a inclusão social.

A moda inclusiva é dedicada a pessoas com algum tipo de deficiência, e sua principal meta é simplificar o ato de se vestir, levando em conta as necessidades físicas e psicológicas de cada pessoa, sem abrir mão do conforto, do design e do estilo (SEBRAE, 2018).

Em seu artigo 23, capítulo II, a Constituição determina que “é competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios cuidar da saúde e assistência públicas, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiências”.

Ainda sobre as leis que protegem os deficientes físicos, o Decreto n.º 3.298/99, considera deficiência:

“toda perda ou anormalidade de uma estrutura e/ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano; deficiência permanente – aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere apesar de novos tratamentos; e incapacidade – uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem-estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida”.

Segundo o Ministério da Saúde (2008), deve-se levar em conta todas as medidas assistenciais voltadas à saúde da pessoa com deficiência,



considerando as necessidades, potencialidades e os recursos, de modo a se assegurar a continuidade e as possibilidades de auto-sustentação. Direcionando desta forma, em especial à manutenção da qualidade de vida desse segmento populacional e à sua inclusão na comunidade.

A partir da definição de deficiência e sua inclusão na sociedade, surge a moda inclusiva, que objetiva incluir pessoas com deficiência na sociedade através de peças de roupas ou acessórios confortáveis, de fácil uso ou colocação, levando em consideração as necessidades estéticas. A pessoa com deficiência tem a mesma necessidade de ser aceita e de estar incluída na sociedade, e para isso precisa de mais autonomia, através de roupas adaptadas (DALBOSCO, 2014).

A Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SÃO PAULO, 2012), define a moda inclusiva como uma proposta para incluir tipos de corpos que a indústria não contempla. A moda estabelece padrões voltados aos corpos altos e magros, sem nenhum empecilho de movimento. Desta forma, a moda inclusiva pretende incluir pessoas que não fazem parte do padrão. Já que pessoas com deficiência representam quase um quarto da população brasileira.

Assim, sua finalidade é aproximar e incluir pessoas de forma a humanizar a moda (GONÇALVES, 2013). Apesar dos esforços, percebemos a carência do mercado e do deficiente. Já que na maioria das vezes não há produtos preparados para suas necessidades, e o deficiente também não sabe qual melhor tecido, modelo e uso de peças do vestuário que lhe servem (SIMÕES-BORGIANI ET AL., 2015).

A moda inclusiva ainda é um segmento de mercado novo, e por isso é difícil referências bibliográficas que o abordem. Em contrapartida, é muito comum encontrar pessoas com deficiência, e por isso a moda deve ser utilizada para sua inclusão na sociedade (SOUSA, XAVIER E ALBUQUERQUE, 2017).



O corpo assume valores simbólicos relevantes e por meio dele, os indivíduos constroem sua imagem para interagir com o mundo. O vestuário está presente nessa relação, já que a roupa não realiza apenas a função de proteção, pudor ou adereço, mas como individualidade e diferenciação. Desta forma, a moda é considerada uma forma de linguagem (BRANDES E SOUZA, 2012).

O objetivo do presente estudo é desenvolver um guia para melhorar a vestimenta de deficientes físicos, sejam eles parcialmente dependentes ou dependentes de terceiros para os vestir, devido às dificuldades motoras.

Ergonomia

A ergonomia é um conjunto de conhecimentos interdisciplinares que engloba a psicologia e a fisiologia. Abrange conhecimentos adquiridos em setores diversos como a Antropologia e a Sociologia para estabelecer suas normas de aplicação (CASTRO, 2018).

É muito importante avaliar a postura e o movimento corporal, por isso as bases biomecânicas, fisiológicas e antropométricas são estudadas. Na biomecânica são aplicadas as leis físicas da mecânica ao corpo humano, estimando as tensões que ocorrem em cada postura ou movimento. Na fisiologia, são analisados o esforço muscular e a fadiga. Já a antropometria é o estudo das dimensões do corpo humano, levando em consideração as diferenças individuais. São elaboradas tabelas que abordam uma determinada população, de forma que aborde os diferentes indivíduos (DUL; WEERDMEESTER, 2012).

Para Rosa (2011), a liberdade de movimentação, conforto tátil, conforto térmico, conforto visual e bem-estar emocional devem ser proporcionados ao usuário através do vestuário. A funcionalidade segundo Silveira (2008), é uma série de relacionamentos complexos que engloba hábitos, usos, técnicas de fabricação e significados simbólicos.



Por isso, a produção de vestuário enfrenta novos desafios. Como tornar os produtos confortáveis e adequados ao uso. Para atender a qualidade ergonômica, a modelagem tem grande importância, pois é a etapa de materialização das peças (TOLEDO E TRISKA, 2016). É importante considerar a facilidade de manuseio, compatibilidade de movimentos, adaptação antropométrica, fornecimento claro de informações e itens de conforto e segurança de seu usuário (IIDA, 2005).

Grave (2010) comenta que o conhecimento sobre cada parte do corpo e também o seu comportamento relacionado à movimentação é importante para um bom resultado na confecção do vestuário.

O corpo é composto por articulações que estão constantemente se movendo, além de ser complexo, sensível e frágil. Sendo assim, é importante que a indústria da moda construa peças para os corpos desiguais, já que o ser humano não é como um manequim industrial e possui formas tridimensionais (THEIS, MARDULA E TARACHUCKY, 2015).

O vestuário é fundamental em nossas vidas, por isso sua adequação é importante na experiência dos usuários, cada detalhe como tecido, modelagem, formato e acabamento carrega informações e produz sensações para os mesmos. Grave (2010) destaca que as roupas proporcionam uma identificação da pessoa inserida em seu meio, por isso roupas adequadas a cada pessoa irão proporcionar um sentimento de integração e participação (TOLEDO E TRISKA, 2016).

Simões-borgiani et al. (2015) notaram a carência do mercado que atenda a pessoa com deficiência, com a falta de produtos preparados para suas necessidades, bem como a carência de seu usuário que não entende de modelos, tecidos e uso correto das peças do vestuário.

Através da integração da acessibilidade, antropometria, design ergonômico, design universal, ergonomia e usabilidade, é possível empregar



soluções que condizem com as necessidades dos usuários de determinados produtos, que normalmente não são adequadamente atendidas pela ótica de uma única área de conhecimento. Sendo assim, a multidisciplinaridade é muito importante para definir parâmetros projetuais para produtos que atendem à públicos específicos (PASCHOARELLI E MENEZES, 2009).

Os sete conceitos do Design Universal para qualquer tipo de produto são: o uso equitativo, onde o projeto deve ser feito para pessoas com diferentes habilidades; a flexibilidade no uso, atendendo à diferentes preferências e habilidades; uso simples e intuitivo, uso fácil, independente da experiência, conhecimento ou nível de entendimento de seu usuário; informação perceptível, transmitir informações ao usuário de forma efetiva; tolerância ao erro, minimizar o erro ou consequências adversas de ações acidentais; baixo esforço físico, sendo utilizado com conforto e fadiga mínima; tamanho e espaço adequados para acesso e uso, sua manipulação não depende da antropometria, postura ou mobilidade do indivíduo (PASCHOARELLI; MENEZES, 2009).

Modelagem

Para desenvolver a modelagem, é necessário analisar as necessidades do corpo humano, seu sentir, pensar, agir e movimentar. É necessário considerar a interdependência e a visão sistêmica da função muscular. Deve-se prezar o conforto, qualidade e funcionalidade nas peças, que pode ser obtido através dos estudos anatômicos, desenvolvendo modelagens ergonômicas (GRAVE, 2004).

Uma tabela de medida é composta pelo conjunto de medidas necessárias para poder construir as bases de modelagem. Estão presentes na tabela as medidas do busto, cintura, quadril, pescoço, tórax, braço, punho, altura das costas, largura das costas, distância do busto, comprimento da manga, altura do quadril, comprimento da saia, comprimento da calça, altura da entreperna e



altura do gancho. As medidas presentes na tabela são as médias calculadas a partir de um determinado número de pessoas (SENAC, 2008).

Na modelagem é necessário construir as bases. As bases mais importantes femininas são a base frente e costas da blusa, a base frente e costas da saia, a base da manga e a base do bojo. A partir delas pode-se desenvolver qualquer modelagem, da mais simples à mais elaborada. A interpretação correta das mesmas é o passo mais importante para a boa execução de um modelo (DUARTE, 2008).

Pode-se fidelizar o cliente através da modelagem. Ela deve ser feita de acordo com o público-alvo, e se manter estável quanto às dimensões, grades de tamanho e conforto (BIERMANN, 2007).

A modelagem plana é uma técnica responsável pela construção de peças do vestuário. Estuda a anatomia do corpo humano, através dos princípios da geometria para o traçado do diagrama que resultam em formas que envolverão o corpo. Sua finalidade é transformar uma forma bidimensional em tridimensional. Para isso as formas da vestimenta devem ser traduzidas, por meio do estudo da silhueta, tecidos, entre outros elementos da peça a ser produzida. (ROSA, 2014)

Ela pode ser produzida manualmente, no papel ou no sistema Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing (CAD/CAM), denominada modelagem computadorizada. A técnica é semelhante à modelagem manual, mas devido à tecnologia é mais ágil e eficaz.

A modelagem tridimensional é conhecida como moulage, é o trabalho desenvolvido no tecido ou tela, sobre o próprio corpo ou busto industrial, possibilita a visualização em três dimensões: altura, largura e profundidade. (ROSA, 2014)

A moulage, ou draping, molda o tecido sobre o corpo humano ou manequim. Sua vantagem é a visão da peça, noção de seu caimento, volumes



e proporções, podendo ajustar a peça da melhor forma possível ao corpo. Já a modelagem plana é constituída de formas bidimensionais, em escala real a partir das medidas do corpo, e posteriormente acrescenta-se as margens para costura e folgas para os movimentos do corpo. É muito utilizada na indústria, já que o processo é simples e de fácil compreensão (THEIS, MARDULA E TARACHUCKY, 2015).

Tecidos

Quanto à matéria prima, utiliza-se fios de fibras naturais como o algodão, a lã e o linho, artificiais como a viscose, e sintéticas como o nylon, acrílico e poliéster. Para cada tipo de tecido e máquina é definida a quantidade e tipo de fio (FINGERL 1998).

Os tecidos produzidos a partir de fibras de Algodão, são utilizados puros, nos casos de tecidos planos e algumas malhas ou misturados a fibras sintéticas em alguns casos na malharia. Já as lãs de origem animal, são utilizadas em regiões em que o clima seja frio. Mas atualmente têm sido substituídas por acrílico que é mais barato, resistente e é hipoalergênico (FINGERL 1998).

As fibras artificiais como a viscose e o acetato são produzidas a partir da celulose encontrada na polpa da madeira ou no linter do algodão. A viscose possui características semelhantes às do algodão, com modificações que trazem melhoras no toque, caimento, brilho, cor e textura. Já o acetato é pouco utilizado devido à má reação ao tingimento. Por isso é utilizado na fabricação de rendas, cetins e materiais para estofamento (FINGERL 1998).

Os tecidos sintéticos são fibras elaboradas a partir de derivados do petróleo. A poliamida (também conhecida como nylon) possui diversas aplicações devido à sua resistência que é 3,5 vezes superior ao algodão. Associadas ao elastano, são amplamente utilizadas na confecção de roupas íntimas, esportivas e de banho. O poliéster é muito utilizado no vestuário, em



linhas de costura, não-tecidos, mantas, etc. Os elastanos são tecidos com muita elasticidade, permitindo artigos que aderem ao corpo, acompanhando suas formas e permitindo movimentos e são aplicados em diversos produtos do vestuário (FINGERL 1998).

A nanotecnologia se baseia em materiais como polímeros, cerâmicos, metais, semicondutores, compósitos e biomateriais, estruturados à escala nanométrica, formando nanopartículas, nanotubos e nanofibras. Com esses nanomateriais, pode-se conferir novas propriedades aos têxteis, trazendo propriedades como anti-bacterianas, agentes hidratantes, desodorizantes, repelentes, anti-humidade e anti-sujidade (SANTANENSE, 2018).

Os tecidos hidro-repelentes são utilizados para a confecção e jalecos e tecidos hospitalares. Suas propriedades impermeáveis são importantes para repelir o sangue e outros fluídos. Além dos tecidos anti amarramento, que dispensam a utilização do ferro de passar, sendo mais práticos para o dia-a-dia. (TNS, 2017)

Os tecidos antimicrobianos foram desenvolvidos para evitar a contaminação microbiológica em hospitais, locais públicos, etc. A TNS lançou um tecido que combate os fungos e bactérias, feito à base de surfactantes e nanopartículas de prata. Os dois ativos se ligam às fibras têxteis por fortes ligações químicas, apresentando a solidez do ativo antimicrobiano, sendo resistente às lavagens. O tecido foi submetido à norma da ANT NBR 15275/16, voltada para a avaliação antifúngica e antibacteriana dos produtos têxteis. (TNS, 2017)

Questionários

Foram elaborados dois questionários, que abrangem questões abertas e fechadas, sendo o primeiro direcionado às pessoas com deficiência para a coleta de suas informações e caracterização de sua deficiência, as dificuldades



enfrentadas para adquirir vestuário adequado à sua condição e de seus próprios anseios em relação à moda inclusiva e funcional. O segundo questionário é direcionado aos seus cuidadores, as questões referentes estão direcionadas à sua prática e às dificuldades enfrentadas quando auxiliam a pessoa com deficiência sob seus cuidados a se vestir. Sendo 36 pessoas com deficiência e 16 cuidadores, que frequentam o Centro Municipal de Paradesporto Professor Cid Torquato localizado na cidade de Mogi das Cruzes-SP.

Pesquisa de mercado/opinião do Deficiente

A questão que aborda a idade dos participantes teve como resultado uma média de aproximadamente 33 anos. A partir dessa resposta, podemos observar um público jovem.

Quanto ao sexo dos participantes, 25 são do sexo masculino representando 69,4% e 11 do sexo feminino representando 30,5% dos participantes.

Sobre o tipo de deficiência: 4 pessoas (11,1%) tem paraplegia, 2 pessoas (5,5%) tem paraparesia, 1 pessoa (2,7%) tem monoparesia, 1 pessoa (2,7%) tem tetraplegia, 4 pessoas (11,1%) tem tetraparesia, 1 pessoa (2,7%) tem hemiparesia, 4 pessoas (11,1%) tem amputação, 14 pessoas (38,8%) tem paralisia cerebral, 6 pessoas (16,6%) tem outro tipo de deficiência ou não sabe responder.

Quanto às dificuldades ao vestir-se observamos que uma grande parte do público tem necessidades que não são atendidas pelo mercado. A maior dificuldade enfrentada pelos participantes é na colocação das peças representando 72,2%, o que nos mostra que é importante na construção de vestuário de moda inclusiva pensar em aberturas estratégicas que facilitem o vestir e o despir. As roupas inadequadas e não adaptadas também são um fator importante a se observar, já que representa a necessidade de 38,8% dos participantes. Sendo assim, devemos analisar suas necessidades para a criação



das peças. Além disso, 30,5% das pessoas com deficiência não se sente confortável com suas roupas, mostrando que devemos pensar em tecidos com maior conforto, modelagens que respeitem as curvas de seus corpos e os movimentos feitos por eles. A estética não foi um fator de grande importância, mas também não pode ser deixada de lado, já que pode ser mais um diferencial nas roupas.

Notamos que o momento da compra de peças do vestuário não é agradável para os deficientes físicos. A falta de acessibilidade nas lojas e a falta de provadores amplos é um fator que afeta 69,4% dos participantes, sendo uma grande parcela desse público, e esse fator faz com que os mesmos percam o interesse de frequentar lojas de roupas. A dificuldade de transitar pela loja afeta 47,2% dos participantes, o que nos mostra que as lojas devem ter maior espaço entre as araras e prateleiras de roupas. E ainda 30,5% dos participantes afirma ter dificuldade de se locomover para chegar até uma loja.

Pesquisa de mercado/opinião do Cuidador.

A questão que aborda a idade dos participantes teve como resultado uma média de aproximadamente 53 anos. A partir dessa resposta, podemos observar um público com idade avançada para a atividade que realizam.

Quanto ao sexo dos participantes, 4 são do sexo masculino representando 25% e 12 do sexo feminino representando 75% dos participantes.

Sobre o tempo de cuidado: 1 pessoa é cuidador há 0-5 anos, 1 pessoa é cuidador há 6-10 anos, 3 pessoas são cuidadores há 11-20 anos, 2 pessoas são cuidadores há 21-30 anos, 9 pessoas são cuidadores há mais de 30 anos. As respostas mostram que o público pratica a atividade como cuidador há muitos anos.



Todos os participantes da pesquisa afirmam serem familiares da pessoa que cuidam. Apenas 2 pessoas afirmam que já foram cuidadores em outro momento.

Sobre as dificuldades relatadas pelos deficientes ao vestirem: 9 participantes, (56,25%) afirmam que as roupas são inadequadas e não adaptadas, 5 (31,35%) afirmam que as roupas são desconfortáveis durante o uso, 12 (75%) afirmam que as roupas são de difícil colocação ou troca, 3 (18,75%) afirmam que as roupas esteticamente desagradáveis. Novamente o número de pessoas que tem a dificuldade na colocação das peças é muito alto, ressaltando o que observamos no outro questionário, devemos pensar em facilidades para vestir e despir.

Sobre as dificuldades no momento da compra podemos observar inúmeras dificuldades relatadas, já que 75% dos cuidadores relatam que as lojas não possuem acessibilidade. Além disso, 62,5% afirma que é difícil transitar pela loja e que os provadores são estreitos. O menor índice foi o de locomoção até a loja, onde 37,5% dos participantes relataram essa dificuldade. Mais uma vez podemos notar que a compra de peças do vestuário é uma tarefa difícil para a pessoa com deficiência e que as lojas não estão preparadas para receber esse público.

COMO DEVE SER A MODA INCLUSIVA

As peças desenvolvidas para o público de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida temporária ou permanente costumam ter características que facilitam a veste tanto da própria pessoa como de cuidadores (VALÉRIO, MEDOLA E PASCHOARELLI, 2015).

A moda inclusiva busca inovar na criação de suas peças, permitindo a criação de um design diferenciado de acordo com as necessidades de cada



indivíduo. Como exemplo de inovações da moda inclusiva estão a substituição de botões por zíper, velcro ou ímã e o deslocamento de costuras. Além disso, a inclusão de bolsos em lugares estratégicos e a inserção de elástico em calças jeans, entre outras adaptações, visam oferecer praticidade e conforto (SEBRAE, 2018).

Segundo Sebrae (2018) as características de roupas para pessoas com deficiência são:

- Camisas sociais com fechamento em velcro. Os botões continuam na roupa, apenas para enfeite;
- Camisa com manga comprida destacável por velcro. Assim, não é preciso uma grande movimentação caso haja necessidade de substituir a peça;
- Bermuda com tecido antibacteriano e aplicação de bolsa interna para armazenar sonda de alívio para pessoas com dificuldade de reter a urina, além de abertura lateral em zíper puxado por argola, que facilita o ato de abrir a peça;
- Decotes com velcro para facilitar a passagem da cabeça;
- Mudança dos lugares dos bolsos nas calças, normalmente incluídos na parte traseira da peça, procedimento que inviabiliza a utilização do item pelos cadeirantes;
- Calça jeans e legging com elástico na parte de trás, caso haja a necessidade de usar fraldas;
- Porta-almofada nas costas para maior conforto aos cadeirantes.

Considerações Finais

Através da pesquisa teórica e da aplicação dos questionários, notamos que a moda inclusiva ainda tem muito a ser explorada. O público espera maior conforto nas peças de vestuário, os relatos são que sempre precisam mandar suas roupas para costureiras ajustarem, acabam escolhendo peças de malha para que possam servir com mais facilidade. Esperam peças do vestuário



desenvolvidas para o corpo deles, que devido aos muitos anos de deficiência, tem outras necessidades. Além disso, a tarefa de vestir uma roupa pode ser facilitada com aberturas e fechos mais práticos. A modelagem para esse público deve ser estudada, de modo que as roupas fiquem confortáveis sem parecer muito maiores. Também é importante ressaltar que os cuidadores serão beneficiados, já que são eles que auxiliam no momento do vestir e despir e na compra das roupas.

Referências

BIERMANN, Maria Julieta Espindola. **Gestão do processo produtivo**. Porto Alegre: Sebrae, 2007.

BRANDES, Aline Zandonadi; SOUZA, Patricia de Mello. Corpo e Moda pela Perspectiva do Contemporâneo. **Projética Revista Científica de Design**, Londrina, p.119-129, jul. 2012.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

CASTRO, Eduardo Breviglieri Pereira de. **Ergonomia: em uma abordagem prática e contemporânea**. Disponível em: <ftp://ip20017719.eng.ufff.br/Public/EPD-057_Ergonomia/Apostila-Versao_Tablet.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018.

DAL BOSCO, Glória Lopes da Silva. Moda inclusiva: uma análise estética e funcional. COLÓQUIO DE MODA, 2014, Caxias do Sul. Caxias do Sul: UCS, 2014 Disponível em: <<http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de->



Moda_2014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3CULTURA/CO-Eixo-3-Moda-Inclusiva-Uma-Analise-Estetica-e-Funcional.pdf>. Acesso em: 22 NOV. 2016.

DUARTE, Sonia; SAGGESE, Sylvia. Modelagem Industrial Brasileira. Rio de Janeiro: Guarda-Roupa Editora, 2008

DUL, Jan; WEERDMEESTER, Bernard. **Ergonomia Prática**. 3. ed. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 2012. 163 p.

FINGERL, Eduardo Rath. Tecelagem e Malharia. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/rsmalha1.pdf> Acesso em: 25 abr. 2016

GONÇALVES, L. P. Roupas para pessoas com deficiência, estudo de caso sobre a influência das roupas no comportamental dessas pessoas, uma reflexão sobre inclusão e moda. In: Colóquio de Moda, 9, Anais: Fortaleza, 2013.

GRAVE, Maria de Fátima. A moda-vestuário e a ergonomia do hemiplégico. São Paulo: Escrituras, 2010

IIDA, Itiro. Ergonomia do Produto. In: IIDA, Itiro. Ergonomia: Projeto e Produção. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2005.

Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência. 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_pessoa_d_eficiencia.pdf> Acesso em: 28, set. 2016.



PASCHOARELLI, Luiz Carlos; MENEZES, Marizilda dos Santos. **Design e Ergonomia: Aspectos tecnológicos**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

OLIVEIRA ET. AL. Aspectos Inclusivos da Moda com Foco nas Pessoas com Deficiência Visual. Moda Palavra E-periódico. Ano 9, EDIÇÃO ESPECIAL, out 2015. ISSN 1982-615x.

ROSA, Stefania. Alfaiataria: modelagem plana masculina. 3.ed. Brasília: SENAC – DF, 2014.

ROSA, Stefania. Alfaiataria: modelagem plana masculina. 3.ed. Brasília: SENAC – DF, 2014.

SANTANENSE. **Tecidos inteligentes e nanotecnologia**. Disponível em: <http://www.santanense.com.br/workwear/santanews_noticia/tecidos-inteligentes-e-nanotecnologia.html>. Acesso em: 25 fev. 2018.

SÃO PAULO. Secretaria dos Direitos de Pessoas com Deficiente. Moda inclusiva: perguntas e respostas para entender o tema. Cartilha Digital. Disponível em: <http://pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/MODA_INCLUSIVA_DIGITAL_CARTILHA_FINAL.pdf> Acesso em 20 nov. 2016.

SEBRAE. Moda inclusiva: facilitando a vida de pessoas com deficiência. Homepage da instituição. Acesso em 01 mar. 2018.

SENAC, Departamento Nacional. Modelagem Plana Feminina. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

SIMÕES-BORGIANI, Danielle Silva; SILVA, Demócrito José; SANTOS, Juliana de Souza; LIMA, Mônica da Cunha; SILVA, Jacqueline Gilcelli A.; NEIVA, Elaine





César; "RELATO DE EXPERIÊNCIA: A ERGONOMIA DE CONCEPÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS DO VESTUÁRIO DE MODA INCLUSIVA", p. 1578-1581 . In: **Anais do 15º Ergodesign & Usihc [=Blucher Design Proceedings, vol. 2, num. 1]**. São Paulo: Blucher, 2015.

SOUSA, Rosângela Elisa de; XAVIER, Lucyana Azevedo; ALBUQUERQUE, Suellen Silva de. Moda Inclusiva, Reconhecendo as Necessidades da Criança Cadeirante. **Moda Palavra**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p.1-22, jun. 2017. Semestral.

THEIS, Mara Rubia; MARDULA, Emanoela; TARACHUCKY, Laryssa; "MODELAGEM CARTESIANA E ERGONOMIA APLICADAS NA CONSTRUÇÃO DE FIGURINOS DE DANÇA ADEQUADOS PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS", p. 942-953 . In: **Anais do 15º Ergodesign & Usihc [=Blucher Design Proceedings, vol. 2, num. 1]**. São Paulo: Blucher, 2015.

TNS. 10 FATOS SOBRE TECIDOS INTELIGENTES PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL. 2017. Disponível em: <<http://tnsolution.com.br/2017/02/15/tecidos-inteligentes-na-industria-textil/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Toledo, Daiane de Lourdes; Triska, Ricardo. Modelagem plana x modelagem tridimensional: estudo comparativo em artigos de malha com alta compressão. **Moda Palavra E-Periódico**, v. 9, n.17, jan-jun, 2016.

VALÉRIO, D.; MEDOLA, F. O.; PASCHOARELLI, L. C. Moda inclusiva com foco em mulheres no pós operatório do câncer de mama: In: 15º ERGODESIGN - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-tecnologia I 15º USIHC - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-computador. 2015.



14º COLÓQUIO DE MODA

14º Colóquio de Moda - 11ª Edição Internacional
13º Fórum das Escolas Dorotéia Baduy Pires
5º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda